



Resumo: O presente texto é um estudo sobre os azulejos da antiga escola do Arraial Ferreira Neto e a sua contextualização histórica, social e política.

Palavras-chave: Azulejos, Arraial Ferreira Neto, Vidrado, Cerâmica, Pintura

Abstract: *This document is a study about the tiles of the old Arraial Ferreira school Neto and its historical, social and political contextualization.*

Keywords: *Tiles, Arraial Ferreira Neto, Glaze, Ceramics, Painting*

Leonor Esteban
Técnica Superior de Conservação e Restauro
Divisão de Cultura, Património e Museus
Email: lesteban@cm-tavira.pt



Azulejos Arraial Ferreira Neto
Leonor Esteban





Introdução

Os azulejos da Escola do Arraial Ferreira Neto são datados da década de quarenta do século XX e surgem num determinado contexto histórico, social e político. Apesar de não serem de uma produção excepcional, formavam parte integrante da arquitectura civil do arraial onde estavam inseridos e por isso detêm um significado simbólico.

Os azulejos, nas suas diversas representações, também contam a sua história. E que história? A história de um tempo de ditadura, de manipulação das artes plásticas, e neste caso as decorativas, da educação da estética das massas, da encenação de um ambiente de felicidade, da procura da ruralidade como símbolo dos valores de pureza e sentimentos intactos como identificadores da Nação. Deste modo, os azulejos transmitem o nosso “portugalito” limitativo em oposição à liberdade estética.

Por trás de toda uma figuração ingénua ligada à pureza está uma mensagem inerente que se pretendia transmitir. Desde a infância era importante inculcar os valores “Deus, Pátria, Nação” tão defendidos pela “política de espírito” de António Ferro.

Os azulejos seguem a linha estética do Estado Novo em oposição ao modernismo, ou seja o tradicionalismo em oposição ao vanguardismo. O revivalismo está presente na procura de imitar ou renascer estéticas do passado em oposição na procura do novo, da diferença e da inovação. De qualquer modo, este conjunto de azulejos revela-se de importância patrimonial inserido num determinado período histórico de Tavira relacionado com a armação da pesca do atum do Arraial Ferreira Neto.

Os despojos da experiência permanecem vivos no conforto da tradição, no silêncio do hábito, na repetição do antigo.

Nora, 1989: 7¹

¹ Maria Cândida Pacheco Cadavez. *A Bem da Nação. As representações no Estado Novo entre 1933 e 1940*. Lisboa: Universidade de Lisboa/Faculdade de Letras, 2012, p. 11



1. Arraial Ferreira Neto

Em 1943, após a destruição da antiga Armação Medo das Cascas pela acção do mar em 1936, iniciou-se a construção do novo arraial. O local escolhido foi na barra de Tavira, nas Quatro-Águas, junto do Forte do Rato, por ser uma zona protegida das marés. Foi designado Arraial Ferreira Neto em honra do administrado que presidiu aos destinos da Companhia de 1900 a 1935.

O projecto arquitectónico foi elaborado pelo engenheiro civil José de Sousa Lino e a construção do arraial foi iniciada em Maio de 1943. Foi oficialmente inaugurada em 15 de Abril de 1945, no entanto as obras só foram concluídas em 1949. A capela e a escola só foram edificadas depois da inauguração.²

O Arraial Ferreira Neto é um conjunto formado por vários edifícios que incluía o edifício escolar, a capela, a capitania, as habitações dos pescadores, os armazéns, os balneários, a casa do fio, o forno, os lavadouros, as cisternas, e uma rede de esgotos e saneamento. Trata-se de um conjunto que obedece a uma organização social e urbanística inserida na arquitectura civil do Estado Novo que une a área habitacional e a área laboral. Os edifícios deste recinto obedecem à estética tradicionalista. O arraial foi desactivado em 1972.³

O Arraial Ferreira Neto está classificado como imóvel de interesse público⁴ e foi convertido a hotel. Todos os edifícios do recinto foram recuperados excepto os armazéns que deram lugar a nova edificação.

Os azulejos forravam as paredes exteriores do edifício da escola primária. Infelizmente, durante as obras de reabilitação e adaptação deste complexo a Hotel Vila Galé Albacora, no ano 2000, não se preservou no edifício da antiga escola o painel de azulejos original, tendo sido substituído por uma réplica de má qualidade. Os originais foram, deste modo, removidos resultando na sua danificação e guardados em contentores na Reserva Municipal durante vários anos. A recolha foi feita no local pelo historiador Marco Lopes. Dos originais, apenas parte foram guardados e muitos ficaram perdidos para sempre.

² Marco Lopes. “A longa vida da armação do Medo das Cascas e o “Português Suave” do Arraial Ferreira Neto”. *Tavira, Património do mar*. Câmara Municipal de Tavira/Museu Municipal de Tavira/Palácio da Galeria, 2008, p. 55, 56, 57

³ Marco Lopes. *O antigo arraial Ferreira Neto: memórias da sua Arquitectura e do Quotidiano da sua companhia*. p. 5, 6, 10. Disponível na Internet <URL: <http://mundosdotrabalho.upp.pt/wp-content/uploads/2011/04/Marco-Lopes.pdf>

⁴ DGPC. Arraial Ferreira Neto. Disponível na Internet <URL: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/72493>



Figura 1 – Antiga escola do Arraial Ferreira Neto (Fonte: Arquivo Museu Municipal de Tavira)



2. Fábrica Cerâmica Viúva Lamego

Os azulejos da escola do Arraial Ferreira Neto foram produzidos na Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego na década de 1940.

Esta fábrica de renome foi fundada em 1849 por António da Costa Lamego, no Largo do Intendente Pina Manique, em Lisboa. O edifício foi construído entre 1849 e 1865 e apresenta a fachada completamente decorada por azulejos figurativos do autor Ferreira das Tabuletas, na altura o director artístico da fábrica. Inicialmente conhecida como Fábrica de Cerâmica António Costa Lamego passou a chamar-se Fábrica Viúva Lamego, em 1899. A nova designação surge quando a mulher de António Lamego assumiu a gestão da fábrica após a morte do marido. No início, a fábrica produziu sobretudo artigos utilitários em barro vermelho, azulejos em barro branco e alguma faiança. A partir do século XX, o azulejo tornou-se a principal produção. Na década de 1930, a fábrica transferiu-se para a Palma de Baixo e ali ficou até 1992 e, nesse ano, foi transferida para a Abrunheira, em Sintra. O edifício no Largo do Intendente serve actualmente para exposição e venda de azulejos.⁵

A partir da década de 1930, a Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego começou a colaborar com artistas plásticos, contribuindo para a elevação do potencial criativo do azulejo. Artista de renome que trabalharam na fábrica foram Pereira Júnior, Jorge Barradas, Manuel Cargaleiro e Querubim Lapa. Os azulejos produzidos na fábrica de Cerâmica Viúva Lamego são facilmente reconhecíveis pela utilização de cores vivas e desenho firme. A técnica de pintura à mão na decoração dos azulejos era e ainda é muito usada.

⁵ História da Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego. Disponível na Internet <URL: <http://www.viualamego.com/handmade/history>



3. Os azulejos

O painel de azulejos revestia duas paredes exteriores da entrada principal e três na entrada lateral de acesso aos sanitários da escola primária. A decoração dos azulejos está relacionada com a corrente nacionalista do Estado Novo da primeira metade do século XX. Desconhece-se o artista que desenhou as figuras.



Figura 2 – Réplica dos azulejos actualmente existente na fachada exterior da antiga escola (Fonte: Arquivo do Museu Municipal de Tavira)

3.1. Descrição Morfológica e Iconográfica

Os azulejos têm a forma de placas quadradas, com as dimensões 14X14 centímetros, ou rectangulares, no caso dos frisos, com as dimensões 14X7 centímetros, com espessura de 0,5 centímetros, decorados e vitrificados numa das faces e com corpo cerâmico de cor bege.

Na composição do painel, a organização dos diferentes azulejos no plano é feita pelo limite de duas faixas de frisos, uma no topo e outra na base, entre as quais os azulejos brancos estavam alternados com os azulejos de figuras avulsas.



Os azulejos apresentam pinturas essencialmente naturalistas onde se sobressai as cores que se apresentam com uma grande vivacidade. As representações iconográficas consistem em figuras estilizadas, com exploração do pormenor, transmitindo movimento e uma grande expressividade. Manifesta-se também grande rigor geométrico dos desenhos traduzindo-se por uma grande severidade decorativa em oposição à liberdade estética. As figuras foram delineadas a negro e preenchidas numa diversidade de cores. Todos os azulejos, excepto os frisos, têm nos quatro cantos o ornato da flor-de-lis de cor azul. Os temas representados são coelho, veado, cão, cabra, dois tipos de pássaros, Borboleta, doze flores fantasiadas, pescador, varina, arraial e barco. Nos desenhos verifica-se ausência de volume reduzindo a representação ao plano bidimensional.

O verso dos azulejos apresentam marcas relevadas, completas nalguns casos e incompletas noutros, da Fábrica Cerâmica Viúva lamego, com a inscrição “Lisboa V.L. Portugal”. Presença de números feitos a lápis sobre as marcas relevadas no verso de alguns azulejos que corresponderia provavelmente a uma identificação de ordem de colocação dos azulejos na parede.



Figura 3 – Marca de Fábrica (Fonte: Arquivo do Museu Municipal de Tavira)



3.2. Método de produção

O corpo cerâmico dos azulejos foi obtido pelo derreamento da pasta líquida (barbotina) para dentro de moldes e deixados a secar. A decoração figurativa do vidrado era feita pelo emprego de bonecas que eram usadas no decalque a carvão do desenho na superfície do azulejo e posteriormente a execução da pintura à mão. A decoração dos cantos dos azulejos era produzida através da impressão de um molde com o desenho pressionado sobre a superfície. No final procedia-se á aplicação do vidrado. A decoração dos frisos foi provavelmente obtida através da estampilhagem, ou seja, uma estampa, com os motivos decorativos recortados, foi encostada à chacota e permitiu que o desenho fosse transferido pela passagem de uma trincha com tinta. Todo o processo foi provavelmente submetido a uma única cozedura, corpo cerâmico/pintura/vidrado.

3.3. Sobre a conservação dos azulejos como fonte de informação adicional

No decorrer do ano de 2011, os azulejos foram submetidos a tratamento no laboratório de conservação e restauro do Museu Municipal de Tavira. Os azulejos foram desenhados e a forma total da figura de alguns deles só foi conseguida a partir da delineação de vários fragmentos com a mesma representação.

Os azulejos do Arraial Ferreira Neto apresentam uma boa qualidade de produção de origem sem presença de defeitos de fabrico com boa aderência dos vidrados ao corpo cerâmico. A maior parte dos azulejos estão fracturados ou com lacunas ou são apenas fragmentos. A presença de argamassas no verso dos azulejos variava da dureza média até muito dura. Alguns azulejos apresentavam no verso cimento. A diferença entre a presença de argamassas e cimento terá provavelmente resultado de reparações executadas ao longo dos anos devido ao destacamento dos azulejos da parede.

A intervenção nos azulejos teve como objectivo garantir os princípios éticos de conservação: autenticidade ou respeito pela sua história e estética; durabilidade como o uso de materiais duráveis e previamente seleccionados; compatibilidade como o uso de materiais reversíveis. Os principais passos da conservação foram a remoção das argamassas do verso dos azulejos, limpeza e dessalinização para remover os sais solúveis. O restauro consistiu na



colagem dos azulejos fracturados, preenchimentos de lacunas e integração cromática dos preenchimentos nos azulejos que se encontravam mais completos.



Figura 4 – Azulejos com desenho do barco (Fonte: Arquivo Museu Municipal de Tavira)



Figuras 5 e 6 – Azulejos com desenho da borboleta (Fonte: Arquivo Museu Municipal de Tavira)



Figura 7 – Azulejos com desenho da cabra (Fonte: Arquivo Museu Municipal de Tavira)



Figura 8 – Azulejos com desenho do cão (Fonte: Arquivo Museu Municipal de Tavira)



Figuras 9 – Azulejos com desenho do arraial (Fonte:
Arquivo Museu Municipal de Tavira)



Figura 10 – Azulejos com desenho do coelho (Fonte:
Arquivo Museu Municipal de Tavira)



Figuras 11 e 12 – Azulejos com desenho da flor 1 (Fonte:
Arquivo Museu Municipal de Tavira)



Figuras 13 e 14 – Azulejos com desenho da flor 2 (Fonte:
Arquivo Museu Municipal de Tavira)



Figuras 15 e 16 – Azulejos com desenho da flor 3 (Fonte: Arquivo Museu Municipal de Tavira)



Figuras 17 e 18 – Azulejos com desenho da flor 4 (Fonte: Arquivo Museu Municipal de Tavira)



Figura 19 – Azulejo com desenho da flor 5 (Fonte: Arquivo Museu Municipal de Tavira)



Figura 20 – Azulejos com desenho da flor 6 (Fonte: Arquivo Museu Municipal de Tavira)



Figuras 21 – Azulejos com desenho da flor 7 (Fonte:
Arquivo Museu Municipal de Tavira)



Figura 22 – Azulejo com desenho da flor 8 (Fonte:
Arquivo Museu Municipal de Tavira)



Figura 23 – Azulejos com desenho da flor 9 (Fonte:
Arquivo Museu Municipal de Tavira)



Figura 24 – Azulejos com desenho da flor (Fonte:
Arquivo Museu Municipal de Tavira)



Figura 25 – Azulejos com desenho da flor (Fonte: Arquivo Museu Municipal de Tavira)



Figura 26 – Azulejos com desenho da flor 12 (Fonte: Arquivo Museu Municipal de Tavira)



Figuras 27 e 28 – Azulejos com desenho do pássaro 1 (Fonte: Arquivo Museu Municipal de Tavira)



Figura 29 – Azulejos com desenho do pássaro 2 (Fonte: Arquivo Museu Municipal de Tavira)



Figura 30 – Azulejos com desenho do pescador (Fonte: Arquivo Museu Municipal de Tavira)



Figuras 31 – Azulejos com desenho da varina (Fonte: Arquivo Museu Municipal de Tavira)



Figuras 32 e 33 – Azulejos com desenho do veado (Fonte: Arquivo Museu Municipal de Tavira)



Figura 34 e 35 – Azulejos frisos e neutros (Fonte: Arquivo Museu Municipal de Tavira)



4. Contexto histórico, político e social

A primeira metade do século XX em Portugal caracteriza-se pela evolução paralela de duas tendências opostas: as manifestações modernistas e as manifestações tradicionalistas.

As manifestações tradicionalistas, com carácter revivalista e romântico incluem-se no desenvolvimento da corrente dos artistas nacionalistas que produziam obras com pendor historicista, folclórica e religioso de carácter patriótico. Esta corrente abrange o fim do século XIX até à década de 1940. Foi no barroco joanino e no rococó que esta corrente procurou as suas principais fontes de inspiração.⁶

A cerâmica azulejar foi uma das modalidades artísticas que serviu melhor os intentos do Secretariado de Propaganda Nacional e ocupou um lugar de destaque no panorama artístico português. Os artistas ceramistas desta corrente foram Jorge Barradas, Paolo Ferreira, Emmérico Nunes, Carlos Botelho, Bernardo Marques e Fred Kradolfer.

4.1. Secretariado de Propaganda Nacional (SPN)

O poder político que surgiu com a ditadura militar em 1926 transformou-se em 1933 em Estado Novo, cujo governo preside António Oliveira Salazar. As bases do nacionalismo do Estado Novo eram a Nação, o Território, a História e a Tradição. Neste governo, coube a António Ferro, jornalista, crítico e escritor, criar uma imagem do País adequada ao Estado Novo, através do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), criado em 1933, desenvolver uma específica identidade portuguesa, a “política do espírito”, promovendo determinados valores culturais com um determinado fim.

O SPN foi inaugurado e rapidamente se tornou uma máquina eficaz na implantação da doutrina do Estado Novo, na reactivação do nacionalismo fundado na História e na tradição folclórica das comunidades rurais. No campo das artes criou três bases fundamentais na “política do espírito”: uso da cultura como meio de propaganda em que os movimentos culturais deviam ser orientados no sentido de glorificar o regime e o seu chefe; conciliar a velha tradição e os antigos valores com a modernidade pondo a cultura ao serviço de uma ideologia nacionalista; e estabelecer uma cultura nacional e popular com base nas suas raízes

⁶ José Meco. *O Azulejo em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa, 1.ª ed., 1989, p. 247



e nos ideais do regime. A política da cultura popular tinha como fim a distração do povo como forma de controlar o descontentamento dos mais desfavorecidos permitindo que o regime os legitimasse junto das massas.

Deste modo, as principais actividades culturais promovidas pelo secretariado foi o programa de valorização do folclore português como objectivo político e ideológico, dando privilégio ao rural e artesanal em detrimento do urbano e industrial. O mito da ruralidade era onde se encontrava as verdadeiras qualidades da raça em oposição à industrialização, à técnica, à urbanização e à proletarização. Ao mito da ruralização juntava-se o mito da pobreza honrada.⁷ Não esquecer que a actividade piscatória ao lado da actividade agrícola fazia também parte da ideia de ruralidade. O pescador era assim o homem do povo conformado, respeitador, incapaz de opinião e submisso à tutela da soberania.

A hierarquização social e a ordem ditadas pelo regime também estavam presentes no Arraial Ferreira Neto pelos diferentes cargos e regras impostas. Do mesmo modo, a religião era considerada uma necessidade do Estado, daí a construção de uma capela na armação como elemento indispensável na formação do português.

Na educação formaram-se as elites sindicais, as elites das organizações corporativas rurais, os educadores primários e os agentes culturais e artísticos. As escolas obedecem aos programas escolares de acordo com os princípios ideológicos e recurso regular a iniciativas e cerimónias políticas e religiosas. Os docentes estavam permanentemente sob vigilância política e eram alvo de uma cuidadosa selecção. Massificação do ensino primário e elitização do ensino liceal.⁸ Dos meninos que estudaram na escola do arraial provavelmente poucos ou nenhuns avançou nos estudos. O arquivo do Hotel Albacora guarda ainda algumas sebatas de meninos hoje anónimos que estiveram na escola. No arraial, os professores tinham direito a uma moradia.⁹ Ainda o enquadramento da Organização Nacional da Mocidade Portuguesa (MP) obrigatória nas escolas e a criação da Obra das Mães para a Educação Nacional (OMEN) destinada a formar a mulher/mãe/esposa no seu lar familiar.¹⁰ No arraial as meninas aprendiam a costurar.

⁷ Fernando Rosas. “O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo”. *Análise Social*. Vol. XXXV (157), 2001, p. 1036

⁸ Fernando Rosas. “O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo”. *Análise Social*. Vol. XXXV (157), 2001, p. 1040, 1044

⁹ Marco Lopes. “A longa vida da armação do Medo das Cascas e o “Português Suave” do Arraial Ferreira Neto”. *Tavira, Património do mar*. Câmara Municipal de Tavira/Museu Municipal de Tavira/Palácio da Galeria, 2008, p. 57

¹⁰ Fernando Rosas., *idem*, p. 1045



Por volta de 1945, o Secretariado de Propaganda Nacional passou a chamar-se Secretariado Nacional de Informação Cultural Popular e Turismo (SNI) e António Ferro é afastado em 1949 e põe-se fim ao domínio da “política do espírito”.

4.2. Os azulejos do Arraial Ferreira Neto inseridos na corrente historicista e nacionalista

Os azulejos do Arraial Ferreira Neto estão inseridos dentro das manifestações tradicionalistas, relacionadas com o mundo rural e folclórico. Serviram assim como arma de propaganda ideológica do regime num meio local da periferia, longe dos grandes centros urbanos. Os azulejos transmitiam uma função iconográfica, alegórica e decorativa com o fim de criar um ambiente naturalista e pitoresco destinado a transmitir um imaginário alegre e feliz. A iconografia buscou assim motivos folclóricos como pássaros, flores estilizadas, barco, pescador, folhas, inseridos no seu quotidiano em que a pesca era uma das principais ocupações das populações.

O azulejo denominado por “Figura Avulsa” identifica aquele azulejo que contém em si mesmo o tema principal e são geralmente emoldurados por ornatos nos quatro cantos que serviam para permitir uma uniformidade estética na junção dos azulejos.

Até ao século XVII, os azulejos de “Figura Avulsa” estavam afastados das nossas tradições decorativas. Estes azulejos têm origem na tradição holandesa e a sua importação iniciou-se por volta de 1660.¹¹ Cada azulejo contava um motivo historiado com temáticas muito diversificadas desde vegetalistas, figurativos, paisagens, barcos, temas cortesãos, campestres entre outros. Em cada canto do azulejo surge sempre um ornato estilizado, onde predominavam a flor-de-lis, a cabeça de boi, pétala, raminhos e folhas de carvalho. O processo de fabrico consistia na escolha de uma pasta cerâmica de grão fino em que o bloco era depois cortado e colocado numa moldura ou molde. Eram deixados secar e submetidos a elevadas temperaturas. Na aplicação dos esmaltes aplicava-se o óxido de estanho para produzir o branco, o cobalto para as colorações azuis, o cobre para o verde, o manganês a cor púrpura, o antimónio para o amarelo, o chumbo para o vermelho e o ferro para o castanho. Após a pintura, os azulejos eram submetidos a uma nova cozedura para fundir os pigmentos

¹¹ Jim Robert Puga Gomes. *Exemplos de azulejaria dos séculos XVII e XVIII em Coimbra*. Coimbra: Universidade de Coimbra/Faculdade de Letras, 2011, p. 101



no vidrado. A pintura dos azulejos de figura avulsa fazia-se com escantilhões onde os contornos do desenho estavam perfurados que ao serem colocados na superfície decalcava-se o desenho por meio da polvilhação de fumo ou grafite. A pintura consistia em cobrir os contornos e os preenchimentos com cores desenhando com maior ou menor liberdade, deste modo não há dois azulejos completamente iguais. Os ornatos presentes nos cantos eram produzidos pela impressão de um molde com o desenho.

Em Portugal nos séculos XVII e XVIII, os azulejos de figura avulsa tinham menos valor ornamental que os azulejos que compunham painéis decorativos. Foi muito utilizado no revestimento de dependências secundárias como corredores, cozinhas e pequenas salas.¹²

O período do Estado Novo, e assim dentro das manifestações tradicionalistas, também se traduziu pela recuperação e reprodução de painéis com motivos e decorações baseados no Barroco, séculos XVII e XVIII. No caso da decoração dos azulejos do Arraial Ferreira Neto, verificou-se semelhanças com uma série de azulejos holandeses de meados do século XVII representando vários pássaros pintados em policromia com motivos de canto de cabeça-de-boi formando como padrão secundário que liga as diferentes peças.¹³ No miradouro superior do Palácio da Galeria, os muros estavam revestidos com os azulejos de figuras avulsas do século XVIII onde predominava a representação de flores com semelhanças às representações dos azulejos do Arraial Ferreira Neto.

Conclui-se que estes azulejos de figuras avulsas produzidos na 1.^a metade do século XX procuraram inspiração nos azulejos de figura avulsa dos séculos XVII e XVIII. Possivelmente são cópias fiéis de azulejos desta época.



Figuras 36 e 37 – Verifica-se semelhanças entre este azulejo do século XVIII do Museu Nacional do Azulejo¹⁴ em comparação com o desenho do veado presente nos azulejos do arraial, remetendo para a ideia do movimento.

¹² Jim Robert Puga Gomes, *idem*, p. 100

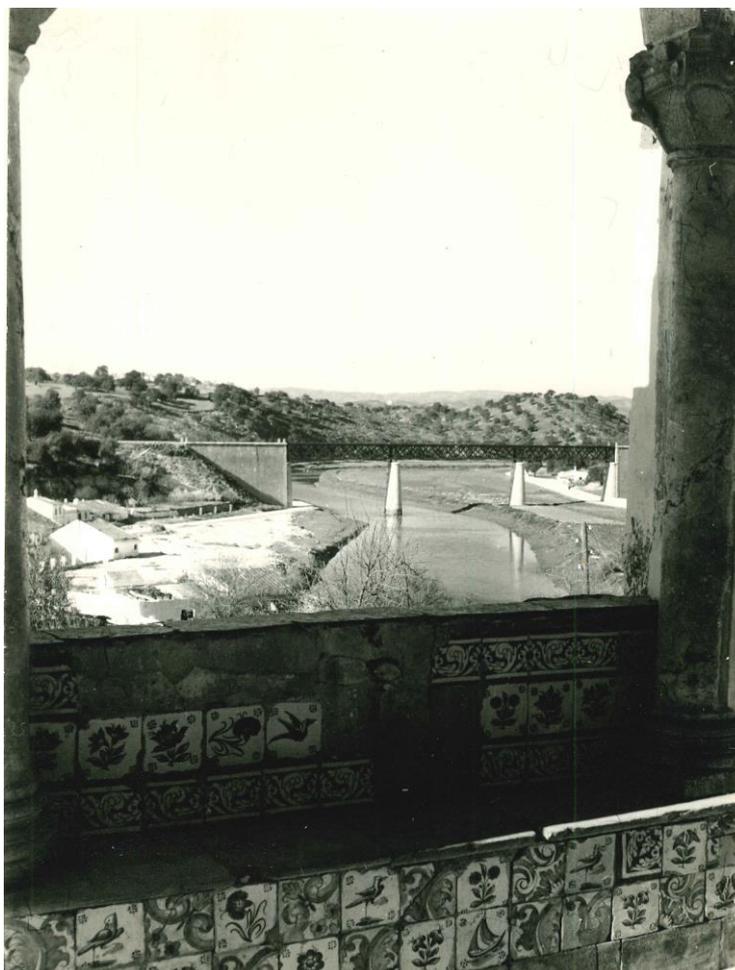
¹³ Noël Riley. *A Arte do Azulejo. A História, as Técnicas, os Artistas*. Lisboa: Editorial Estampa 2004, p. 57

¹⁴ Museu Nacional do Azulejo, N.º Inventário MNAz 4803 Az. Fonte: <http://www.matriz.net.dgpc.pt>



Figura 38 – Painel de azulejo de um imóvel no Rio de Janeiro na viragem do século XIX para o século XX¹⁵ e verifica-se que as figuras do veado e do cão são praticamente iguais às que se encontram presentes nos azulejos do arraial.

Figura 40 – Azulejos que revestiam os muros do Palácio da Galeria, do século XVIII, que apresentam figuras avulsas muito semelhantes às que inspiraram os azulejos da escola do arraial (Fonte: Digitalizações Arquivo Histórico do Município de Tavira)



¹⁵ Fonte: <http://azulejosantigosrj.blogspot.pt/2012/09/centro-xivb-rua-miguel-couto.html>



Figura 41 – Exposição Nacional de Azulejo Português de Figura Avulsa. No Núcleo Museológico de Machico, Solar do Ribeirinho esteve patente, em 2011, uma mostra de Azulejo Português de Figura Avulsa. Esta iniciativa teve o comissariado científico de Alexandre Nobre Pais, do Museu Nacional do Azulejo, e assentou na colecção particular de Feliciano David, com mais de 50 painéis de azulejos dos finais do século XVII ao século XX.¹⁶ Na tipologia de azulejos que apresenta esta imagem, verificamos que dois aparecem nos azulejos do arraial, o pescador e a varina.



Figura 42 – Desenhos de todas as figuras presentes nos azulejos da antiga escola do Arraial Ferreira Neto.

¹⁶ Fonte:
https://www.google.pt/search?q=Azulejos+de+Figuras+Avulsas&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiou4rqmsnaAhWKcRQKHfyIB7sQ_AUICigB&biw=1366&bih=652#imgcr=7WKFMqZWkKdfoM&spf=1524239558350



Conclusão

Os azulejos da Escola do Arraial Ferreira Neto são cópias ou foram baseados em outros desenhos já pré-existentes.

Os azulejos apresentam um cunho tradicionalista, etnográfico, alegórico, naturalista e folclórico de motivos populares baseados em padrões predominantemente rurais com figuras mais próximas da natureza supostamente purificadora e de sentimentos intactos e ternurentos onde se encontra a verdadeira essência da pátria.

Os azulejos da escola do Arraial Ferreira Neto traduzem-se no “azulejinho” de motivos populares ligados a um ambiente “portugalidade” com o fim de uma educação estética, pelo que estavam destinados a uma camada social mais tradicionalista e conservadora.

Resumindo, os azulejos da escola do Arraial Ferreira Neto são o reflexo da valorização do folclore português como objectivo político e ideológico na educação das massas defendido e divulgado pelo Estado Novo através do Secretariado de Propaganda Nacional. Seguem a linha nacionalista e historicista com inspiração nos azulejos de figuras avulsas dos séculos XVII e XVIII.



Referências Bibliográficas

- ALVES, Vera Marques. “Os Etnógrafos Locais e o Secretariado de Propaganda Nacional. Um Estudo de Caso”. *Etnográfica. Volume 2 (2)*, S.1., 1997, pp. 237-241
- ALVES, Vera Marques. “A Poesia do Simples”: arte popular e nação no Estado Novo”. *Etnográfica. Volume 11 (1)*, S.1., Maio de 2007, pp. 63-89
- CADAVEZ, Maria Cândida Pacheco. *A Bem da Nação. As representações no Estado Novo entre 1933 e 1940*. Lisboa: Universidade de Lisboa/Faculdade de Letras, 2012
- “Cerâmica. Artes Plásticas e Artes Decorativas”. *Normas de Inventário*. Lisboa: Instituto Português dos Museus, 1.^a ed., Maio 2007
- GOMES, Jim Robert Puga. *Exemplos de azulejaria dos séculos XVII e XVIII em Coimbra*. Coimbra: Universidade de Coimbra/Faculdade de Letras, 2011
- HENGLE, Jacqueline; HUSTIX, Veronica. *Portugal – Painéis de Azulejos do Século XX*. Edições da Caixa Geral de Depósitos, 1987, p. 15, 30 e 160
- LOPES, Marco. “A longa vida da armação do Medo das Cascas e o “Português Suave” do Arraial Ferreira Neto”. *Tavira, Património do mar*. Câmara Municipal de Tavira/Museu Municipal de Tavira/Palácio da Galeria, 2008, p. 47-57
- MECO, José. *Azulejaria Portuguesa. Coleção Património Português*. Lisboa: Bertrand Editora, 2.^a ed., Maio 1987
- MECO, José. *O Azulejo em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa, 1.^a ed., 1989



RILEY, Noël. *A Arte do Azulejo. A História, as Técnicas, os Artistas*. Lisboa: Editorial Estampa, 2004

RODRIGUES, António. “1933-1949, Ausência e Reabilitação do Azulejo, A Política do Espírito”. *O Azulejo em Portugal no Século XX. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses*. Portugal/Brasil, Edições INAPA, 2000, pp. 47-67

ROSAS, Fernando. “O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo”. *Análise Social*. Vol. XXXV (157), 2001, p. 1031-1054

ROSMANINHO, Nuno. “António Ferro e a propaganda nacional antimoderna”. *Estados autoritários e totalitários e suas representações*. Coordenação de Luís Reis Torgal e Heloísa Paulo. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008

SIMÕES, J. M. dos Santos. “Estudos de Azulejaria”. *Colecção Presenças da Imagem*. Imprensa nacional/Cada da Moeda, Junho 2001

Referências Online

Direcção Geral do Património Cultural. *Arraial Ferreira Neto*. [consult. 4 de Abril de 2018]. Disponível na Internet <URL: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/72493>

História da Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego. [consult. 11 de Abril de 2018]. Disponível na Internet <URL: <http://www.viualamego.com/handmade/history>



LOPES, Marco. *O antigo arraial Ferreira Neto: memórias da sua Arquitectura e do Quotidiano da sua companhia*. Câmara Municipal de Tavira. [consult. 29 de Março de 2018]. Disponível na Internet <URL:

<http://mundosdotrabalho.upp.pt/wp-content/uploads/2011/04/Marco-Lopes.pdf>

MatrizNet. Inventário de Património Cultural. [consult. 11 de Abril de 2018]. Disponível na Internet <URL: <http://www.matriznet.dgpc.pt/matriznet/objectos/ObjectosFiltrarADV.aspx>

Museu Nacional do Azulejo. Fábrica Viúva Lamego. [consult. 18 de Abril de 2018]. Disponível na Internet <URL:

<http://www.mnazulejo.imc-ip.pt/pt-PT/Colecao/Colecoes/ContentDetail.aspx?id=387>

SANTOS, Graça dos. “Política do espírito: O bom gosto obrigatório para embelezar a realidade”. *Université Paris X – Nanterre*. Media & Jornalismo, (12) 2008, pp. 59-72. [consult. 13 de Abril de 2018]. Disponível na Internet <URL:

<http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/polocidigital/wp-content/uploads/sites/8201703n12-politica-do-esprito-o-bom-gosto-obrigatorio-para-embelezar-a-realidade.pdf>